

LEANDRO KARNAL

PARA PENSAR E ESCREVER MELHOR



LEANDRO KARNAL

PARA PENSAR
E ESCREVER
MELHOR



Copyright © Leandro Karnal, 2024
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2024
Todos os direitos reservados.

Organização de conteúdo: Diogo Arrais
Preparação: Fernanda Guerriero Antunes
Revisão: Wélida Muniz e Valquíria Matioli
Projeto gráfico e diagramação: Gisele Baptista de Oliveira
Capa e ilustração de capa: Brenda Macedo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Karnal, Leandro
Para pensar e escrever melhor : pequenos textos / Leandro Karnal. -
São Paulo : Planeta do Brasil, 2024.
192 p.

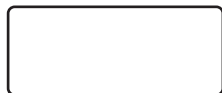
ISBN 978-85-422-2629-4

1. Crônicas brasileiras 2. Escrita criativa I. Título

24-0443

CDD B869.3

Índice para catálogo sistemático:
1. Crônicas brasileiras



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2024
Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Sumário

Prefácio 8

Apresentação 12

bloco um

Costumes sociais 19

- Um casamento inesquecível 21
- O Cordeiro de Deus 25
- O tempo foi generoso com você 29
- Dois amigos e um Peixe 31
- As luvas do passado 35
- Henrique aceita! 37
- O macho muda 41
- A equipe focada 43
- A paz e o trono 45
- Cuidado com os ditados 49

bloco dois

Ah, Leandro! Deixa de história! 53

- As bolsas e o capitalismo 55
- O árbitro da elegância 59
- Os imbecis 61
- Um ano ruim 65
- Criticar no Brasil 69
- Existem milagres? 73
- O camarote mais sofisticado 77
- Convivendo com o sucesso 81
- As ironias da História 83
- O fascismo é atual? 85

**bloco
três**

Jacyr Karnal 89

- O suporte da memória 91
Os ombros suportam o mundo 95
Família da foto 97
Natal da maturidade 99
Técnicas para a escassez 103
Essa eu conheço 107
O novo risco de rir 109
Quem se lembrará? 111
O boquirroto 115
Memória Magnética 119

**bloco
quatro**

Sou cínico! 121

- A culpa é sua, leitor! 123
A dignidade dos mamíferos 127
O tango requer dois? 131
A ex 133
Os preços 137
Índices de maturidade 141
Como reagir 145
Náufragos do orgulho 147
A possuída 151
As palavras e nós 155

**bloco
cinco**

Às vezes, Leandro!

Às vezes, Karnal! 159

- O pior de todos 161
O grande teatro do mundo 163
É sina, Argeu 167
Há lógica no mundo? 169
Que homem irritante! 173
Talento e gênero 175
O Brasil é de Jesus 178
Carta ao jovem imperador 182
A face de tudo 184
O meu time 188



Planeta

bloco um

Costumes sociais



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Polissemia: multiplicidade de significados de uma palavra. Esse recurso é amplamente usado para dar amplitude a uma sentença. Em um título como “A paz e o trono”, o leitor é levado ao símbolo do poder soberano; porém, mais adiante na leitura, verá que as descrições tomam um rumo distinto.

Nesse caso, *trono* pode trabalhar com o jocoso e referir-se a um assento, digamos, mais íntimo.

Em todo este bloco, os títulos das crônicas ganham um sentido maior (além de reflexões sobre os costumes sociais) depois da leitura. Mais um exemplo: o substantivo *peixe* nem sempre indica o animal, mas também o símbolo do clube de Santos.

Outro recurso presente, ao notar os costumes sociais, é o exagero (hipérbole). Descrições exageradas em simplicidade, como em “Um casamento inesquecível”, são uma ótima estratégia para escritos criativos.

Por fim, perceba como o cronista é afeito aos detalhes: cor, memória exata, cheiro, hora, datas. Tudo isso garante a atenção de quem lê.

Um casamento inesquecível

Um convite de casamento é um ato de alegria e um anúncio de sacrifícios. Quem oferece a festa gasta o que tem e o que nunca possuiu de verdade. Os convidados estarão empenhados com presentes, roupas, arrumação de cabelos e unhas, cerimônia longa... O amor do casal tem um custo alto para todos os envolvidos. Até as memórias (fotos e filmes) serão acompanhadas de cifrões.

Tânia e Rodrigo sabiam disso. Foram a muitos casamentos. Sempre compartilharam a “intoxicação de esperança” diante das cerimônias. Igrejas, sinagogas, festas na praia, fazendas alugadas: cenários lindos e muito custosos. Tramas de orquídeas e rios de champanha: os sorrisos nunca foram gratuitos.

Tendo um histórico longo de amigos estressados com os longos preparativos, decidiram que fariam um casamento inesquecível. A palavra foi pronunciada em família e aumentou a ansiedade: “Inesquecível? Quanto vai custar?”, indagou o pai de Tânia. O casal explicou que seria o contrário. “Aguardem e verão!”

A data? Um sábado, para não incomodar as pessoas com cerimônias no meio da semana, mania de certo

grupo social. O convite? Feito por calígrafos maravilhosos, em envelopes com lacre luxuoso? Não! Foi pelo Zap mesmo. Algumas pessoas ligaram, achando que fosse trote.

O breve texto informava a data: 16 de setembro. A noiva iria com um vestido branco usado, algo de quatro *réveillons* atrás. Era bonito, leve. O noivo? Tinha decidido por uma camisa também usada, igualmente branca, que lhe caía bem. Usaria uma calça jeans e um tênis confortável. Pedia-se aos convidados evitar trajes de festa. Indicaram uma roupa confortável. Maquiagem? A cotidiana para quem usava. Cabelos sem armações. Nada de salto alto.

Buffet maravilhoso com camarões e cascatas de gelo? Nada! Negociaram alguém que faria pizzas de vários sabores. Sem orquestras: uma *playlist* feita pelos noivos a partir da história deles. O sítio gratuito de um tio seria o lugar. Chamaram um padre amigo.

No dia marcado, evitaram uma entrada triunfal dos noivos. Ninguém ouviu os acordes de Mendelssohn. Ambos estavam conversando com todo mundo e, à hora determinada, sentaram-se ao redor de uma mesa à qual ocorreria a cerimônia. Sem pompa. Sem circunstância. O celebrante fez uma reflexão linda sobre a vida a dois. Alguns casais amigos falaram das dificuldades que tinham enfrentado nos casamentos e como as tinham superado. No fim do ano, os avós de Rodrigo celebrariam sessenta anos de casados. Falaram do que tinham mudado ao longo das décadas. Houve choro. Os casais presentes apertavam mais as mãos entrelaçadas. Nos solteiros aumentava a vontade para seu futuro matrimônio. Respirava-se otimismo sobre o triunfo do amor. Era um metacasamento

a emergir naquele sítio. Todos concordaram: a cerimônia mais bonita que já tinham visto.

O momento ápice foi planejado assim. Um primo de Tânia, com apenas 12 anos, tocou na flauta uma música de Glück (a “Dança dos espíritos bem-aventurados”). O autor alemão tinha imaginado como os seres dos Campos Elíseos viveriam em harmonia. A cena hipnotizou o grupo. Passaram a dançar como se também fossem espíritos bem-aventurados, e os ventos do Paraíso soprassem naquele fim de tarde.

Foi uma festa sem fotógrafos profissionais. Cada convidado faria as fotos. Alguém reuniria todas depois. Sem luzes fortes sobre as pessoas. Sem poses. Houve muitas *selfies*, necessário registrar, porém uma ou outra chegaram a ficar curiosas.

Fez parte da novidade da celebração que cada pessoa presente levasse aquilo que desejaria beber. Apesar disso, viu-se uma festa de comunhão. Enólogos tomaram cerveja trazida por outros. Alguns experimentaram um bom vinho; outros se decidiram pelas caipirinhas. Uma minoria se serviu de um pouco de cada. Com delicadeza, depois de goles fraternais, foram sendo colocados em redes, assim que chegavam ao estado de inconsciência.

Eu falei da *playlist* dos noivos? Sim, ela brilhou por uma hora. Depois disso, imperou a democracia absoluta. Uma senhora de 64 anos foi ao som e pediu “Dancing Queen”, do Abba. Era uma música da sua juventude. Aparentemente, mais gente tinha isso no inconsciente... Foi um sucesso extremo! Prosseguia o álcool; foi tocada “Como nossos pais”, na voz de Elis. Houve tempo para Roberto Carlos, Rihanna, Anitta e Beyoncé. Surpresa: